

PERFORMATIVO

POLÍTICO

MUT RÃO DE

PEDAGÓGICO

MAGINAÇÃO



Quem vai velar pela escola pública? Aula imaginária Táticas Afetivas Anarcadêmicas. Coletivo Parabelo. São Paulo. 2019. Fotografia Arquivo Coletivo Parabelo.

Considerações sobre o último Mutyrão:

por Marina Klautau

No Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica do dia 16 de setembro de 2019, nos reunimos numa calçada da Rua Treze de Maio para velar a escola pública. Cada um trouxe um gesto em homenagem à escola. Pão com mortadela, coxinha e catuaba chamaram os passantes à partilha de memórias. Junto a moradores, mães, estudantes e professores da escola estadual da vizinhança, evocamos a questão: o que caracteriza uma escola como pública? E, ainda, o que faz de uma escola pública uma escola? Num retrato falado coletivo, revisitamos tanto memórias de pesar e impotência, como de saudade e esperança. O que permanece na lembrança entre um toque do sinal escolar e outro? O que fica da finada escola, além da cópia da lousa? Qual história a lousa conta? Quem a conta? No anseio de contar as nossas narrativas sobre a educação pública, imaginamos: por que a escola pública morreu? Quem a matou? Investigamos a escola como um lugar de fazer viver e deixar morrer. Ao mapear essa política - ali, em coletivo, na rua - não só a denunciemos, mas anunciamos sua contramão. Fizemos escola.

Observação: Consideramos pertinente frisar que os estudantes, mães e professoras/es que participaram da aula imaginária “Quem vai velar pela escola pública?” fazem parte do que costuma-se chamar de comunidade escolar da E.E. Maria José, onde um dos participantes do Mutyrão, Marcelo Prudente, leciona.

Local e horário do próximo Mutyrão:

Nosso próximo Mutyrão está marcado para o dia 30 de setembro de 2019, segunda-feira, das 17h às 20h, no Espaço Open Arts - Rua Quatorze de Julho, 74, Bela Vista, São Paulo/SP.

Proposta do próximo Mutyrão:

Neste Mutyrão daremos continuidade ao desenvolvimento da linha de força imaginária Plantação de Memórias Autoetnográficas, ao co-imaginarmos de que modo as práticas de narrar a si mesmo podem trazer à memória experiências que atribuem sentidos ao processo de nos constituirmos enquanto professoras/es, artistas, pesquisadoras/es. Desse modo, a partir das memórias que emergiram em nosso último Mutyrão voltado a esta linha de força imaginária, algumas questões parecem latentes: temos, realmente, nos dado conta das presenças ausências de professoras/es negras/os em nossa trajetória escolar? Que implicações históricas, sociais, culturais estão relacionadas a nossa ausência presença de percepção das marcas que estas/es professoras/es deixaram em nossos corpos? Isto pois, como

nos ensina a educadora brasileira Fátima Freire, filha do educador e filósofo da educação brasileiro Paulo Freire, quem educa marca o corpo do outro.

Por meio dessas indagações propomos que, ao longo dessa semana, você procure perceber uma marca deixada no corpo pelas presenças ausências de memórias referentes a experiências em âmbito escolar com professoras/es negras/os. Em seguida, pedimos que relacione essa marca a um objeto de memória, a partir do qual solicitamos que você escreva um micro-relato com extensão máxima de uma lauda. Os objetos e os relatos deverão ser trazidos no próximo Mutyrão.

Combinados para os próximos Mutyrões:

- Marina Klautau ficou responsável por registrar o último Mutyrão no Andaime que deverá ser lido no próximo encontro.

- Ficou combinado que os Boletins Imaginários serão publicados via e-mail e no site do Coletivo Parabelo uma semana após a realização do último Mutyrão.

- No Canteiro de Imaginabilidade do último Mutyrão, havíamos decidido que o próximo Mutyrão da linha de força imaginária Táticas Afetivas Anarcadêmicas seria realizado no dia 28 de outubro de 2019, uma segunda-feira, no período matutino do CIEJA Ermelino Matarazzo. Contudo, tal data consiste em um ponto facultativo, o que exige que cancelemos a proposta.

- A partir do exposto acima, decidimos realizar o Mutyrão relativo à linha de força imaginária Táticas Afetivas Anarcadêmicas durante o encerramento da Jornada de Pesquisa em Arte organizada pelo Programa de Pós-graduação em Arte da UNESP. Fomos convidados para fazer o fechamento do Encontro Científico do Mestrado Profissional PROF-ARTES, do qual a participante do Mutyrão Natália Pallos também é integrante. Dessa forma, propomos que o próximo Mutyrão da linha imaginária Táticas Afetivas Anarcadêmicas seja excepcionalmente realizado em uma sexta-feira, dia 11 de outubro de 2019, das 15h às 18h, no saguão do primeiro andar do Instituto de Artes da Unesp, localizado na Rua Dr. Bento Teobaldo Ferraz, 271, Barra Funda, São Paulo.

- Para a realização do Mutyrão relativo à linha de força imaginária Táticas Afetivas Anarcadêmicas, que irá acontecer no dia 11 de outubro de 2019 no Instituto de Artes da Unesp, propomos a elaboração de um Exercício Imaginário inspirado na homenagem à escola pública realizada pela participante Marina Klautau no último Mutyrão. Gostaríamos de conversar melhor a respeito dessa proposta nos próximos encontros.

- Para o próximo Mutyrão vinculado à linha de força imaginária Plantação de Memórias Autoetnográficas, a ser realizado no dia 30 de setembro de 2019, contaremos com a participação dos pesquisadores do Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedagogias, coordenado pela Profa. Dra. Carmina Mendes André, do Instituto de Artes da UNESP.

- Para o próximo Mutyrão vinculado à linha de força imaginária Plantação de Memórias Autoetnográficas, a ser realizado no dia 30 de setembro de 2019, solicitamos que a participante Valéria Ribeiro venha paramentada com uniforme escolar e portando a caixa de som com a gravação da reprodução do sinal escolar, conforme a proposição feita pela participante no último Mutyrão.

- O participante do Mutyrão Fábio Santos comunicou por e-mail o seu desligamento das atividades por motivos pessoais. Entraremos em contato com ele oferecendo auxílio na solução de tal problema para que ele possa continuar participando conosco.

Leituras para o próximo Mutyrão:

RACHEL, Denise Pereira. Sombras. In: Escrever é uma maneira de sangrar: estilhaços, sombras, fardos e espasmos autoetnográficos de uma professora performer. Tese de Doutorado, UNESP, 2019, p. 100-191. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/182305>

- Trata-se dos escritos Sombras, uma parte que integra a tese de doutorado defendida pela integrante do Coletivo Parabelo, Denise Rachel, que discute por meio de uma abordagem autoetnográfica performativa como opera o regime das aparências em um contexto escolar em relação aos sujeitos racializados e generificados, a partir das experiências com aulas de performance e aulas performáticas.

CARNEIRO, Sueli. Parte I - Poder, Saber e Subjetivação: Capítulo 4: Das Interdições; 4.1- Das Interdições ao sujeito: o negro não é. In: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2005, p. 125-135.

- Trata-se de um subitem do quarto capítulo da tese defendida pela filósofa brasileira Sueli Carneiro, que discute os modos como as práticas sociais em âmbito geral e da constituição do conhecimento em relação as/aos outras/os entendidos como sujeitos racializados, em âmbito específico, tornam-se meios de interdição e, no limite, impossibilidade de existência daquelas/es enquadradas/os socialmente como negras/os.

CIOTTI, Naira. Aprendendo e ensinando através da performance; Conclusão: O híbrido professor performer. In: O professor-performer. Natal: EDUFRN, 2014, p. 43-64.

- Trata-se do último capítulo e da conclusão do livro derivado da dissertação de mestrado da professora performer e pesquisadora Naira Ciotti, nas quais ela discute de que modo o/a professor/a performer pode atuar, a partir das experiências de artistas reconhecidos a princípio pelo trabalho em artes visuais, como a brasileira Lygia Clark e o alemão Joseph Beuys, que são apresentados pela perspectiva de Ciotti enquanto professoras/es performers. Por este viés, a autora apresenta possibilidades abertas pela perspectiva de atuar como um/a professor/a performer para imaginarmos outras formas de pensar o processo educativo.

SANTOS, Boaventura de Souza. Sobre as metodologias não-extratvistas. In: O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019, p. 211-235.

- Trata-se do sétimo capítulo do livro “O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul”, do sociólogo português Boaventura de Souza Santos. Nesse capítulo, o autor defende a hipótese de que investigadores não-abissais desenvolvem metodologias não-extratvistas, mediante a realização de pesquisas coletivas que pautam relações sujeito-sujeito como pressuposto para a construção do co-conhecimento. Dessa forma, metodologias não-extratvistas podem configurar-se como investigações orientadas pela noção de observação participante nas quais também ocorre a observação da participação. Assim, metodologias não-extratvistas implicam em desestabilizações das linhas abissais que separam sujeito e objeto, os de dentro e os de fora, teoria e prática, conhecimento e ignorância, que não raro desembocam em situações limite nas quais os investigadores não-abissais precisam exercitar uma certa imaginação epistemológica, a fim de enfrentarem os riscos inerentes aos processos de cura no tratamento das feridas causadas pelas desigualdades abissais.